

crônica de

BRASÍLIA

CLEMENTE LUZ

Um dia de glória

Durante as obras, Brasília parou uma única vez. Foi para receber o corpo de Bernardo Sayão, vitimado por uma árvore, na Belém-Brasília, cuja construção ele comandava como super-herói. E foi como um super-herói que os candangos receberam o que restou do homem legendário, que eles respeitavam e amavam.

Depois de inaugurada, plena de vida e de agitação, Brasília parou pela segunda vez. Foi para receber e abraçar, nos braços do povo, o corpo tombado de seu construtor, Juscelino Kubitschek, vítima de um inexplicável desastre rodoviário, quando viajava de São Paulo a caminho do Rio de Janeiro.

Exilado, praticamente banido da área de sua maior obra de presidente da República, ausente de Brasília por força das circunstâncias políticas, por imposição do regime de arbítrio em que vivia o País, mas amado em silêncio pelo povo, JK, de repente, de forma inesperada, tombou como um centenário jequitiba fendido pelo raio. Isto foi num 22 de agosto, há 14 anos, um dia sombrio e trágico, que fez todo o Brasil chorar, cheio de perplexidade. Morria um homem que, apesar de todas as limitações e perseguições, era a esperança do povo, do mesmo povo que, durante os cinco anos de seu governo, viveu em constante expectativa, num clima de sadio otimismo jamais visto no Brasil.

Cumprindo uma imposição histórica, talvez um desejo nunca formalizado, decidiu-se que o herói nacional dos novos tempos tivesse seu corpo sepultado em Brasília, no Campo da Esperança, na área reservada aos pioneiros, ao alcance de seu povo, no chão do Planalto Central.

No dia seguinte ao trágico 22 de agosto, nem bem o avião mortuário pousou no aeroporto, a multidão invadiu o espaço, cantando e chorando ao mesmo tempo, para tomar nos braços a urna funerária e conduzi-la, como um troféu, ao longo das grandes vias da Capital. Milhares de brasilienses, tomados de emoção, arrostando os perigos da ditadura ainda vigente, choravam e cantavam, perplexos ante o desastre e a dura perda, no mais emocionante grito de protesto, na mais legítima explosão de liberdade que um povo pode sentir e exteriorizar.

O corpo de JK não era mais de seus parentes, de seus amigos, de seus correligionários ou de seus inimigos, que o condenaram às amarguras do exílio. O corpo de JK agora era do povo, daquele mesmo candango que o via chegar, alta madrugada, para visitar as obras, para subir os andaimes perigosos da obra do Congresso, e conversar com o mais simples dos trabalhadores, perguntando-lhes:

— “Como é companheiro? Brasília vai pra frente?” E receber como resposta um sorriso de alegria e de espanto, que não precisava de palavras, para ser traduzido.

Agora, naquele 23 de agosto, Brasília não tinha mais o aspecto de uma cidade sufocada pela arrogância, mas respirava a alegria trágica de seu povo que, ao chorar o seu morto querido, não tinha outra forma de expressão, a não ser o canto coletivo, o coro desassombrado, regido por um invisível e misterioso maestro. O Peixe Vivo pôde “viver fora d’água fria”, acalentado pelo calor do coração popular...

Foi um dia de glória.